

COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

De saltos *eleição presidencial* muito altos

Daqui a um ano, um ano e meio, Luís Inácio Lula da Silva poderá até vir a se declarar fora do páreo presidencial. Mas, se acontecer, a desistência terá sido fruto de circunstâncias muito fortes, já que da alma de Lula salta incontável o desejo de, pela quarta vez, concorrer à Presidência da República.

É o que se conclui, sem sombra de dúvida, da entrevista de Lula publicada na edição de domingo do **JB**. Em duas ocasiões, ele mal disfarça a soberba de quem considera cativa a cadeira de candidato-mor da esquerda: "(as análises políticas) não explicam como uma pessoa que não é deputado federal, não é senador, prefeito, governador, sequer da executiva do partido, continua sendo individualmente (o candidato) mais forte deste país", disse, esquecendo-se de que o objetivo do jogo é eleger o presidente e não escolher o candidato "individualmente mais forte deste país".

Em seguida, constata que tem 30% dos votos "em qualquer circunstância", assegura que, por isso, não precisa ler pesquisa de opinião "para saber se eu devo ou não ser candidato" e diz que seu objetivo agora é "discutir a construção de uma frente política para derrotar o projeto conservador". E, assim, na condição de quem se acredita a bordo de um partido "consagrado" pelas urnas, Lula manifesta a intenção de "conversar" com Ciro Gomes e Itamar Franco sobre a formação da frente ampla.

Não é de agora que elegeu 174 prefeitos, que o PT abraça a tese da política de alianças, amplamente vencedora no partido, já há umas duas eleições, desde que lá se fez a autocrítica do isolamento. Na teoria, portanto, o PT reafirma agora coerência de posição.

Na prática, também, como demonstram as palavras de Lula, das quais se depreende com nitidez a idéia de que o PT não pretende abandonar a convicção de que é hegemônico na oposição, e, assim, tem o direito de ungar-se à condição de condutor de qualquer frente.

Parte do pressuposto de que Ciro e Itamar dar-se-ão por honrados ao serem incluídos na lista dos conversáveis. Afinal, nenhum dos dois tem 30% dos votos "em qualquer circunstância". No máximo, uns 15% um e 20% o outro.

O que, juntos, já perfaz percentual mais substancial do que aquele de que dispõe o PT com seu candidato "individualmente mais forte". E se, juntos, Ciro e Itamar quiserem dar prosseguimento a um projeto objetivo, algo mais que promessas de conversas cujo pré-requisito é que o posto principal tem dono, podem perfeitamente fazê-lo.

O PT obviamente cresceu nessas eleições, como de resto nunca decresceu de sua fundação para cá. É do time principal, mas ainda insiste em bater nas mesmas teclas que sempre o impedem de derrotar o adversário.

Por enquanto, tem sido bom na superação de si mesmo, como aconteceu com o aumento dos votos da última eleição municipal para esta. Mas ainda não é o suficientemente bom – o que inclui dosagem mais elevada de humildade, pelo menos de mais respeito aos parceiros – para ganhar dos outros.

E se continuar acreditando que o campeão chega ao topo só porque repete que é o vencedor, o PT encontrará sérias dificuldades para se credenciar como interlocutor de gente que, como Lula, também acha que é capaz de chegar lá.

Corre o risco de ficar explicando individualmente como é que o candidato mais "forte deste país" não é deputado, senador, prefeito, não faz parte da Executiva, mas também não consegue ganhar uma eleição.